

Três abordagens do método de estudo de caso em educação: Yin, Merriam e Stake¹

▮ Bedrettin Yazan*

Tradução de Ivar César Oliveira de Vasconcelos**

Resumo

O estudo de caso tem sido um terreno contestado na investigação em ciências sociais porque utiliza abordagens diferentes, às vezes opostas. É uma das mais utilizadas metodologias de investigação qualitativa em pesquisa educacional. Contudo, os metodólogos não fazem consenso sobre a concepção e a realização desse método, dificultando a sua plena evolução. Este autor concentra sua atenção nas obras de três deles, Robert Yin, Sharan Merriam e Robert Stake, buscando captar perspectivas divergentes, convergentes e complementares. Desse modo, busca contribuir com pesquisadores iniciantes no âmbito da educação, apresentando técnicas e estratégias para, assim, poderem combinar perspectivas e atingir propósitos de investigação.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa. Métodos de estudo de caso. Fundamentos epistemológicos.

Introdução

O estudo de caso é uma das mais utilizadas metodologias de pesquisa. No entanto, ainda não tem status legítimo de estratégia de investigação em ciências sociais por não dispor de protocolos bem definidos e bem estruturados (YIN, 2002). Assim, pesquisadores novatos, pretendentes a utilizá-lo, ficam confusos, “quanto ao que é o estudo de caso e como pode ser diferenciado de outros tipos de pesquisa qualitativa” (MERRIAM, 1998, p. 11). Metodólogos de investigação não têm entrado em consenso sobre a sua concepção e a sua realização, tornando-o um terreno contestado, o que dificulta a sua plena

¹ The Qualitative Report 2015 Volume 20, Number 2, Teaching and Learning Article 1, 134–152
<http://www.nova.edu/ssss/QR/QR20/2/yazan1.pdf>

* University of Alabama, Tuscaloosa, Alabama.

** Universidade Paulista, campus Brasília. E-mail: ivcov@hotmail.com.

evolução. Neste artigo, pretendo apresentar uma análise e síntese das diferentes perspectivas realizadas por três metodólogos proeminentes: *Case Study Research: Design and Methods* de Robert K. Yin (2002); *Qualitative Research and Case Study Applications in Education* de Sharan B. Merriam (1998) e *The Art of Case Study Research* de Robert E. Stake (1995).

Selecionei esses três metodólogos e, particularmente, esses seus livros pelas seguintes razões. Primeiro, Yin, Merriam e Stake são os três autores seminais que oferecem procedimentos a serem seguidos, quando se realiza uma pesquisa com estudo de caso (CRESWELL et al. 2007), capazes de ajudar os pesquisadores educacionais a montar um roteiro ao utilizar esse método. Esses autores são percebidos como metodólogos fundamentais na área, com sugestões que, em grande parte, afetam decisões dos investigadores educativos relativamente ao projeto. Em segundo lugar, um trabalho anterior sobre estudo de caso apresentou detalhes sobre o projeto (BAXTER; JACK, 2008), a introdução (TELLIS, 1997a) e a aplicação da metodologia (TELLIS, 1997b) para um público mais amplo de pesquisadores qualitativos novatos. Penso que este trabalho poderá ser benéfico e útil para eles ao apresentar um espectro de diferentes pontos de vista e conceituações sobre o estudo de caso a partir de proeminentes metodólogos. Esta exposição poderá ajudá-los a elaborar ou posicionar seu próprio entendimento nesse espectro, para que possam realizar a sua investigação com um projeto confiável e defensável.

Portanto, apresento cada uma das três perspectivas, distinguindo-as em pontos de divergência, convergência e complementaridade. Finalmente, optei por concentrar-me em seus livros específicos, e assim realizar a justaposição, porque nestes os autores expõem conscientemente o método estudo de caso na sua totalidade, oferecendo informações valiosas sobre conceitos e modos de comunicar aos leitores. Assim, os interessados neste trabalho terão uma síntese e análise de três guias completos sobre o método, possibilitando-lhes selecionar as ferramentas mais adequadas e funcionais para os seus próprios objetivos de investigação.

Neste artigo, debruço-me sobre áreas onde essas três perspectivas divergem, convergem e se complementam em dimensões variáveis de estudo de caso. Sigo seis dimensões categóricas para as quais os três estudiosos convergem na maior parte de seus

textos: Compromissos Epistemológicos, Definição de Caso e Estudo de Caso, Projeto do Estudo de Caso, Coleta de Dados, Análise de Dados e Validação de Dados.

Posicionamento do pesquisador

Antes de passar a apresentar uma comparação das três perspectivas de estudo de caso, imagino que os leitores precisam conhecer a minha identidade enquanto pesquisador, o meu investimento nesse tema e minhas intenções. Acabei de concluir meu doutorado no campo da linguística aplicada com uma dissertação focalizada no inglês como segunda língua (ESL) no desenvolvimento da identidade profissional dos candidatos a professor. Enquanto estudante de doutorado na Universidade de Maryland, minha busca de uma metodologia de pesquisa me levou a desenvolver interesse pelo estudo de caso, um dos métodos mais contestados em pesquisa educacional. Eu estava envolvido no processo de delimitar o meu tema de investigação, aprimorando minhas perguntas e tentando encontrar o método de investigação mais operacional. Estava no momento de conceituar e desenvolver meu projeto de dissertação. Então, inscrevi-me num curso de estudo de caso, no qual me foram apresentadas as interpretações de Yin, Merriam e Stake sobre o assunto. Tive a oportunidade não só de pesar a instrumentalidade do método para minha pesquisa de dissertação, e sim decidir qual de suas abordagens mais se encaixaria na minha orientação epistemológica enquanto pesquisador iniciante. O documento atual é o produto desse processo de tomada de decisão.

Minha intenção neste artigo é proporcionar uma visualização comparativa dos três textos fundamentais do método, voltando-me para investigadores iniciantes envolvidos no processo de tomada de decisões sobre escolhas metodológicas. Por meio deste trabalho eles podem se familiarizar com diferentes abordagens de estudo de caso, podendo escolher bem, tornando seu projeto de pesquisa compatível com suas inclinações epistemológicas, bem como torná-lo robusto o suficiente para lidar com suas questões de pesquisa. Eles podem optar por utilizar as ferramentas oferecidas por qualquer um dos metodologistas ou compor um amálgama de ferramentas de dois ou três deles.

Desafios da Análise Comparativa

Antes de apresentar a comparação das três perspectivas sobre o método, devo mencionar os principais desafios envolvidos na composição deste trabalho. Os três autores parecem ter propostas diferentes ao escrever os livros seminais que tento analisar neste trabalho. Em parte, essas diferenças me impediram de comparar e contrastar as três perspectivas de estudo de caso no mesmo âmbito dos aspectos envolvidos. Por exemplo, em *The Art of Case Study Research*, de Stake (1995), o destinatário principal é o estudante que planeja utilizar em seus projetos de pesquisa o estudo de caso como metodologia. O principal objetivo de seu livro é a explicação de um conjunto de orientações interpretativas voltadas para o estudo de caso que incluem “métodos de pesquisa naturalista, holística, etnográfica, fenomenológica e métodos de pesquisa biográfica” (STAKE, 1995, p. 11). Yin emerge com o objetivo de apresentar o projeto e os métodos do estudo de caso, defendendo-o como legítima metodologia nas ciências sociais, sendo capaz de conduzir investigações sobre uma proposição teórica. Ele sustenta que em tentativas anteriores parecia faltar um guia abrangente para a utilização do método. Por isso, com seu texto ele quer preencher “um vazio na metodologia das ciências sociais, que tem sido dominada por textos (...) que oferecem poucos guias sobre como iniciar um estudo de caso, analisar os dados, ou mesmo minimizar os problemas na elaboração do relatório de estudo de caso” (YIN, 2002, p. 3). Tendo notado a escassez de recursos disponíveis para os pesquisadores envolvidos no estudo de caso, Merriam, assim como Yin, se propôs a contribuir com a literatura a respeito deste, que “ainda fica atrás da [literatura sobre] outros tipos” de investigação (MERRIAM, 1998, p. 19). O texto de Merriam focaliza principalmente princípios gerais e usos da pesquisa qualitativa que apresenta menor ênfase sobre a forma como são aplicados ao estudo de caso enquanto método no âmbito desse tipo de abordagem. Ela pretende elucidar áreas “borradas”. O objetivo de seu livro é aclarar a confusão sobre o estudo de caso em pesquisas com essa abordagem e iluminar “o que constitui um estudo de caso, como difere de outros métodos de pesquisa qualitativa e quando é mais apropriado usá-lo” (MERRIAM, 1998, p. 19). Essas disparidades podem explicar as questões sobre diferentes ênfases dos autores passíveis de surgir no restante da análise realizada neste trabalho. A seção posterior vai

destacar outro tipo de disparidade a ser abordada antes de iniciar o aprofundamento de tal análise.

A propósito do método seguido nesta análise, o escrutínio inicial dos três textos me levou a selecionar um conjunto de critérios a serem focalizados durante a realização de minha análise comparativa e contrastiva. Esse conjunto de critérios inclui o seguinte: compromissos epistemológicos, definição de caso e estudo de caso, projeto do estudo de caso, coleta de dados, análise de dados e validação de dados. O segundo passo foi criar um gráfico no qual inseri o que encontrara em termos de semelhanças e diferenças entre as três abordagens do estudo de caso. Montei esse gráfico, passando pelas seções relevantes de cada texto para entender como os autores divergem e convergem em cada critério. Ao completar o tal gráfico, quis verificar a validade da minha análise com pesquisadores qualitativos mais experientes os quais chamo de amigos críticos. Tive reuniões *vis-à-vis* com os três doutorandos avançados e o professor do curso de estudo de caso do qual havia participado. Minhas conversas com eles me proporcionaram a forma final ao gráfico orientador deste texto.

Compromissos epistemológicos

As visões dos pesquisadores sobre a natureza e a produção do conhecimento, que imediatamente compõem a sua inclinação epistemológica, estão subjacentes ao projeto de investigação concebido e operado por eles. Essa inclinação permeia cada etapa do processo de investigação, desde a seleção do fenômeno de interesse colocado em escrutínio até à forma do relatório final. Como anuncia Merriam: “A investigação é, afinal, a produção de conhecimento sobre o mundo – no nosso caso, o mundo da prática educativa” (MERRIAM, 1998, p. 3). Enquanto metodólogos, Yin, Merriam e Stake têm seus próprios compromissos epistemológicos que impactam não só suas perspectivas a respeito da metodologia do estudo de caso, como também os princípios e os passos recomendados por eles aos pesquisadores iniciantes enquanto estes, com seus esforços, exploram o método. Esses compromissos se manifestam explícita ou implicitamente ao longo de seus textos seminais sobre o estudo de caso e determinam os pontos positivos a partir dos quais eles concebem o método. Portanto, antes de minha análise, tirei

proveito da particular orientação epistemológica de Yin, Merriam e Stake, o que, na verdade, informará a análise inteira.

Yin demonstra tendências à orientação positivista em sua perspectiva sobre estudo de caso. Crotty (1998) sugere três noções fundamentais dessa orientação em pesquisas: objetividade, validade e generalização. Se os pesquisadores afirmam que as descobertas de seu estudo trarão “fatos estabelecidos, ou pelo menos o mais próximo de fatos possibilitados pela investigação [deles]”, do ponto de vista de Crotty (1998), isso significa que a tradição filosófica apoiadora desse estudo é o positivismo (CROTTY, 1998, p. 41). Yin não articula explicitamente sua orientação epistemológica em seu texto, entretanto, a forma como o autor se aproxima do método estudo de caso, ou da pesquisa em geral, e os aspectos enfatizados por ele indicam bastante sua postura filosófica compatível com a tradição positivista. Por exemplo, da perspectiva do autor, os pesquisadores que recorrem ao método supõem desde logo ser necessário “maximizar quatro condições relacionadas com o projeto de qualidade: validade do constructo, validade interna, validade externa e confiabilidade. Enquanto investigadores lidam com esses aspectos de controle de qualidade” (YIN, 2002, p. 19), sendo altamente crucial em cada etapa do estudo de caso. Em seu texto, Yin sugere continuamente que pesquisadores iniciantes devem manter esses quatro “guiões”² na sua mente em cada fase do processo de investigação, de modo a garantir a qualidade da pesquisa. Assim, considerando o entendimento de Crotty, uma orientação positivista subjaz na perspectiva de Yin. Além disso, a opinião de Yin sobre a dicotomia entre tradições de pesquisa quantitativa e qualitativa pode ser um forte indicativo da razão pela qual ele prefere não abordar abertamente sua orientação filosófica. Ele argumenta contra os que distinguem orientações qualitativas e quantitativas em função de disparidades filosóficas irreconciliáveis: “independentemente de um favorecimento à pesquisa qualitativa ou quantitativa, há um terreno comum forte e essencial entre as duas abordagens” (YIN, 2002, p. 15). Ele atende às semelhanças das duas tradições de pesquisa e pragmaticamente coloca em primeiro plano as ferramentas comuns aptas a terem

² Considerada, no contexto, a melhor tradução para o termo *yardsticks* que, literalmente, traduz-se por “medida de uma jarda”. (N. T.).

funcionalidade e instrumentalidade no projeto e métodos de estudo de caso sugeridos por ele. Por isso, ele não distingue métodos quantitativos e qualitativos.

Ao contrário de Yin, aparentemente em fuga de declarações a respeito dos seus compromissos epistemológicos – ou epistemologia preferida – que o orientam na proposta de metodologia do estudo de caso, Stake atribui grande parte de um capítulo de seu texto para explicar a tradição epistemológica sugerida por ele aos pesquisadores voltados para tal metodologia. Ele sustenta que “para se cumprir a obrigação do investigador do estudo de caso de contribuir com a experiência do leitor, torna-se necessário considerar as suas noções de conhecimento e realidade” (STAKE, 1995, p. 100). Consoante o autor, construtivismo e existencialismo (não-determinismo) devem ser as epistemologias a orientar e informar a pesquisa de estudo de caso qualitativo, pois “a maioria dos pesquisadores qualitativos contemporâneos afirmam que o conhecimento é construído ao invés de descoberto” (STAKE, 1995, p. 99). Assim, ele concebe os pesquisadores do estudo de caso qualitativo como intérpretes e coletores de interpretações, o que os obriga a comunicar a sua aquiescência ou a elaboração da realidade “construída” ou, ainda, o conhecimento reunido por eles por meio da investigação realizada. Coerente com a perspectiva do autor, pesquisadores qualitativos devem esperar outro nível de realidade ou construção do conhecimento, de modo a ocorrer paralelamente à leitura do relatório, pelos leitores, além dos dois níveis mencionados. Esta conclusão também é pertinente com a sua argumentação de que “há múltiplas perspectivas ou pontos de vista do caso que precisam ser representados, mas não há nenhuma maneira de estabelecer, além de disputa, a melhor visão” (STAKE, 1995, p. 108).

Em termos epistemológicos, Merriam parece posicionar-se mais próximo de Stake do que de Yin. De acordo com sua perspectiva, a epistemologia a orientar o estudo de caso qualitativo é o construtivismo. Ela sustenta que “o pressuposto filosófico fundamental sobre a qual todos os tipos de pesquisa qualitativa se baseiam é a visão de que a realidade é construída por indivíduos que interagem com seus mundos sociais” (MERRIAM, 1998, p. 6). Na mesma linha, ela comenta “que a realidade não é uma entidade objetiva; em vez disso, existem múltiplas interpretações da realidade” (MERRIAM, 1998, p. 22). Portanto, defendendo esse pressuposto filosófico, o principal interesse de pesquisadores

qualitativos é entender o significado ou o conhecimento construído pelas pessoas. Em outras palavras, o que realmente intriga esses pesquisadores é a forma como as pessoas dão sentido ao seu mundo e às suas experiências neste mundo. Além disso, a concepção de Merriam sobre o processo de elaborar significados numa investigação está alinhada com a concepção de realidade como múltiplas camadas, conforme Stake, ou conhecimento construído, embora não espere que os leitores se envolvam nessa elaboração ou interpretação. Ela esclarece as duas linhas de interpretação, ou elaboração de significados, “sofridas” pela realidade apresentada no relatório final:

O pesquisador traz uma construção da realidade à situação de pesquisa, interagindo com construções ou interpretações de outras pessoas a respeito do fenômeno estudado. O produto final deste tipo de estudo é mais uma interpretação pelo pesquisador de outros pontos de vista já filtrados através de seu próprio ponto de vista (MERRIAM, 1998, p. 22).

Tendo discutido os diferentes compromissos epistemológicos dos três metodólogos do estudo de caso que permeiam os três textos, penso que esta seção deve fechar com uma breve descrição da minha postura epistemológica e de como esta afeta o meu jeito de me aproximar de Yin, Merriam e Stake no que tange ao estudo de caso. Sendo um pesquisador educacional iniciante, epistemologicamente, posiciono-me muito próximo do paradigma construtivista. Concebo o conhecimento como uma construção social, proveniente de práticas sociais das pessoas; portanto, conceituo a realidade social na qualidade de algo gerado, construído por pessoas, e existente em grande parte dentro de suas mentes. Penso que os esforços de pesquisa estão focalizados de acordo com as “interpretações situadas historicamente e derivadas culturalmente da palavra-viva do mundo social” (CROTTY, 1998, p. 67). Devido a essa postura filosófica, encontro-me epistemologicamente discordante de Yin e muito mais consonante com Merriam e Stake. No entanto, uma vez que minha orientação está mais inclinada para o pragmatismo de Dewey, a análise atual abarca a instrumentalidade dos conjuntos de estratégias, diretrizes e ferramentas sugeridas por Yin. Ou seja, minhas inclinações construtivistas não me levaram unicamente a aderir às posições de Merriam e Stake. Por outro lado, tentei analisar e sintetizar as três obras dos autores, considerando suas contribuições para conceituar, projetar e conduzir uma “investigação disciplinada” (SMITH, 1978).

Definição de caso e estudo de caso

Em seus textos sobre a metodologia do estudo de caso, os três autores divergem na definição de caso e estudo de caso. Por exemplo, Yin (2002) define caso como determinado “fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claros e o pesquisador tem pouco controle sobre o fenômeno e o contexto” (YIN, 2002, p. 13). Sua definição de caso reflete também sua defesa para o estudo de caso como método legítimo de investigação. O pressuposto subjacente à definição é que outras estratégias de investigação, tais como a histórica, experimental e levantamentos não são capazes de investigar o caso que interessa a pesquisadores. Por isso, eles precisam de uma “estratégia abrangente de investigação”, totalmente nova, chamada estudo de caso (YIN, 2002, p. 14). Dada essa definição, do ponto de vista do autor, tal estudo se constitui numa investigação empírica que investiga o caso ou os casos, em conformidade com a definição acima referida, abordando questões “como” ou “por quê” relativamente ao fenômeno de interesse. Ele acha isso um instrumental específico para um programa de avaliação. O resto de sua definição técnica chama a atenção para os aspectos da coleta de dados e sua análise em relação à situação em estudo: a fim de investigar uma situação distinta, incluindo “muito mais variáveis de interesse do que os pontos de coleta”, o estudo de caso se baseia em linhas múltiplas de evidência, a partir de propostas trianguladas, e utiliza-se do “desenvolvimento prévio de proposições teóricas para guiar a coleta e a análise de dados” (YIN, 2002, p. 13-14). Essa atenção indica o quanto é meticulosa a sua abordagem em termos de coesão e coerência entre os componentes do projeto e as fases do estudo de caso. De acordo com esse posicionamento, ao realizar cada movimento ou tomar decisões ao longo do processo de investigação, os investigadores devem ser capazes de fornecer a lógica que está por trás disso, em conformidade com as proposições teóricas e as características do caso.

Do ponto de vista de Stake uma definição exata de casos ou estudos de caso é impossível. Isso porque, de acordo com o autor, muito provavelmente, uma definição assim pode introduzir o próprio estudo de caso numa perspectiva diferente daquela utilizada por seus usuários noutras disciplinas. Quanto à definição de caso, Stake (1995) concorda com a opinião de Louis Smith (1978): os pesquisadores devem ver um caso

como “um sistema limitado” e investigá-lo “como um objeto ao invés de um processo” (SMITH, 1978, p. 2). Ele próprio descreve alguns dos atributos do caso em sua conceituação: caso é “uma coisa que funciona de modo específico, complexo”, mais especificamente é “um sistema integrado”, que “tem um limite e peças em trabalho” e intencional (em ciências sociais e humanas) (SMITH, 1978, p. 2). Assim, dada essa definição, o autor ressalta que os métodos delineados por ele em seu livro seriam mais benéficos para estudar programas e pessoas do que para estudar eventos e processos – parcialmente é um ponto de interseção com Yin, que encontra nos métodos de estudo de caso a melhor opção para avaliação de programas. Além disso, Stake menciona quatro características definidoras da pesquisa qualitativa válidas para os estudos de caso que utilizam essa abordagem: eles são “holísticos”, “empíricos”, “interpretativos” e “enfáticos”. Holísticos porque os investigadores devem considerar a inter-relação entre o fenômeno e os seus contextos, o que se assemelha à ligação inseparável aludida por Yin ao definir o caso. Empíricos porque os pesquisadores baseiam o estudo em suas observações de campo. Interpretativos, pois os investigadores consideram sua intuição e entendem ser uma pesquisa, basicamente, a interação pesquisador-assunto, sendo isso compatível com a epistemologia construtivista. Por último, enfáticos, uma vez que os investigadores refletem as experiências vicárias dos sujeitos numa perspectiva êmica.

Para Merriam (1998), a característica definidora da pesquisa com estudo de caso é a delimitação do caso. Sua definição está em conformidade com a de Smith (1978), para quem o caso é um sistema limitado e com a de Stake, para quem ele é um sistema integrado. Ela vê “o caso como uma coisa, uma única entidade, uma unidade em torno da qual existem limites” (SMITH, 1978, p. 27). Então, o caso pode ser uma pessoa, um programa, um grupo, uma política específica e assim por diante, o que representa uma lista mais abrangente do que as de Yin e Stake. Na visão de Merriam, que sofre influência do entendimento de Miles e Huberman (1994) de que “o caso é algum tipo de fenômeno que ocorre num contexto limitado” (MERRIAM, 1998, p. 27), desde que os pesquisadores sejam capazes de especificar o fenômeno de interesse e delinear as suas fronteiras, ou “cercar” o que será investigado, eles podem nomeá-lo um caso. Em suma, a definição que ela apresenta é mais ampla do que a de Yin e a de Stake e proporciona flexibilidade no uso de estratégia de estudo de caso qualitativo porque a investigação agora tem uma

variedade muito maior de casos. Quanto à definição de estudo de caso, Merriam concebe o tipo qualitativo como “uma descrição holística e intensiva, bem como a análise de um fenômeno limitado, tal como um programa, uma instituição, uma pessoa, um processo ou uma unidade social” (MERRIAM, 1998, p. 13). Para bem diferenciar o método estudo de caso do trabalho de caso, do método de caso e da história de caso (registros de caso), ela destaca seus atributos distintivos originais: Particular (focaliza uma situação singular, evento, programa ou fenômeno); Descritivo (produz uma rica e sólida descrição do fenômeno em estudo); Heurístico (ilumina a compreensão do leitor a respeito do fenômeno em estudo). Semelhante à defesa de Yin do estudo de caso como estratégia de pesquisa legítima, Merriam parece assumir a responsabilidade de ajudar a tornar o estudo de caso uma metodologia de investigação bem definida e bem estruturada na medida em que destaca suas características primordiais e idiossincráticas. Portanto, abona a sua utilização pelos pesquisadores iniciantes como estratégia de investigação separada de outras metodologias no âmbito da abordagem qualitativa.

Projeto do estudo de caso

Como sugere no título de seu livro, Yin enfatiza o projeto do estudo de caso. Conforme já mencionei ao descrever a proposta de sua obra, ele enfatiza que o estudo de caso não possui um “desenho codificado”, como as outras estratégias de pesquisa empregadas pelos cientistas sociais – razão pela qual alguns investigadores não lhe concedem os méritos de um notável método de pesquisa. Em outras palavras, ele conclui que, “ao contrário de outras estratégias de investigação, um abrangente ‘catálogo’ de projetos de pesquisa para estudos de casos ainda tem de ser desenvolvido” (YIN, 2002, p. 19) e, obviamente, ele se compromete com esse desenvolvimento. Por isso, ele apresenta uma abordagem definitivamente detalhada e abrangente para a elaboração do projeto, dispensando um olhar muito escrupuloso em relação às etapas do processo de investigação, indo desde a elaboração das questões de pesquisa, passando pela coleta e análise de dados à luz de proposições teóricas anteriores, até chegar à elaboração do relatório no qual a investigação é comunicada.

Tendo definido o projeto, em sua essência, como “a sequência lógica que liga os dados empíricos a questões de investigação iniciais de um estudo e, em última análise, às

suas conclusões”, Yin (2002, p. 20) sugere aos pesquisadores quatro tipos de projetos: caso único holístico, caso único integrado, casos múltiplos holístico e casos múltiplos integrado. Os holísticos exigem uma só unidade de análise; os integrados, múltiplas unidades de análise. O autor aconselha os pesquisadores iniciantes a selecionarem o tipo de projeto que lhes proporciona o máximo de instrumentais para responder às questões de investigação, bem como considerarem pontos fortes/limitações de cada tipo e as possíveis armadilhas a serem evitadas durante a sua execução.

Da perspectiva do autor, o projeto de pesquisa de estudo de caso é composto por cinco elementos: questões de um estudo; suas proposições, se houver; sua(s) unidade(s) de análise; a lógica que une os dados às proposições e os critérios de interpretação dos resultados. Ao projetar a investigação, o pesquisador deve ter certeza de que esses componentes estão coesos e coerentes entre si. Yin dirige especial atenção ao quarto e ao quinto deles, os quais se referem ao planejamento dos passos da análise de dados. Ele também aconselha que os investigadores planejem, muito conscientemente e rigorosamente, estes “componentes menos bem desenvolvidos”, a fim de que sua investigação tenha uma base sólida nas operações de análise (YIN, 2002, p. 26).

Com relação aos cinco componentes, Yin enfatiza a necessidade de os pesquisadores revisarem a literatura pertinente e incluírem proposições teóricas sobre o caso em estudo antes de iniciar a realização de qualquer coleta de dados, de modo a distingui-lo de quaisquer metodologias, como a teoria fundamentada e a etnografia. Outro ponto relativamente à interpretação de Yin (2002) se refere à sua sugestão quanto à medição da qualidade do projeto a partir de quatro critérios³: a validade do construto, a validade interna, a validade externa e a confiabilidade. A maximização dessas condições nas fases do processo de investigação é uma incumbência de pesquisadores que queiram desenvolver projetos de estudo de caso rigorosos e robustos. Por último, Yin põe ênfase considerável na preparação detalhada de um projeto, no início da pesquisa, e aconselha que os investigadores façam pequenas alterações depois de iniciarem a coleta de dados.

³ Utilizou-se o termo “critérios” para traduzir (conservando, inclusive, a originalidade das explicações de Yin), porém, o autor utiliza o termo “teste”, mais à frente, para se referir a esses “critérios”. (N. T.).

No entanto, se precisarem realizar grandes alterações, da perspectiva de Yin, os investigadores devem retornar à primeira etapa da conceptualização e iniciar novamente.

Contrariamente à sugestão de Yin de um projeto realmente estreito e estruturado, Stake defende que ele seja flexível, possibilitando aos investigadores realizar grandes alterações desde o seu início. O único projeto inicial sugerido por ele se refere às questões e à sua elaboração, o que levará à concepção das questões da pesquisa. Para Stake, os investigadores:

Usam questões como estrutura conceptual a fim de conduzir a atenção para a complexidade e a contextualidade [e] (...) porque as questões nos atraem para observar, trazendo mesmo à tona os problemas do caso, as emergências de conflito, as questões humanas mais complexas (STAKE, 1995, p. 16-17).

Stake dá conselhos relevantes sobre como iniciar dois tipos de estudos de caso, conforme segue: “para o estudo de caso intrínseco, em que o caso é dominante; o caso é da mais alta importância. Para o estudo de caso instrumental, em que a questão é dominante; que iniciam e terminam com questões dominantes” (STAKE, 1995, p. 16).

Embora Stake (1995) não sugira um ponto específico para iniciar a coleta e a análise de dados, durante o processo de investigação, seu conselho sobre questões de pesquisa indica que os pesquisadores do estudo de caso precisam de um conjunto de duas ou três questões afiadas ou ter elaborado questões temáticas (questões de investigação) que “ajudarão a estruturar a observação, as entrevistas e a análise de documentos” (STAKE, 1995, p. 20). Dez ou vinte questões substantivas cortadas por outras duas ou três elaboradas previamente pelo pesquisador por meio de “contatos com o caso, da própria experiência ou de literaturas pertinentes” (STAKE, 1995, p. 20). A visível flexibilidade de Stake em termos de projeto de estudo de caso decorre de sua adoção da noção de “foco progressivo”, apresentado pela primeira vez por Parlett e Hamilton (1976). Essa noção se baseia no pressuposto de que “o curso do estudo não pode ser traçado com antecedência” (STAKE, 1998, p. 22), ao que Yin definitivamente se opõe. Parlett e Hamilton comentam que “a transição de uma fase para outra, enquanto a pesquisa se desenrola, ocorre na medida em que áreas problemáticas vão progressivamente sendo clarificadas e redefinidas” (STAKE, 1998, p. 22). Quando investigadores iniciantes

aprendem a abordagem flexível de Stake, eles podem achar isso favorável, pois não requer uma preparação maior do projeto, como a abordagem de Yin. No entanto, se eles iniciarem a jornada de pesquisa sem roteiro detalhado e cronograma, eles podem se perder ou ficar presos em algum ponto durante o processo. Até pesquisadores especialistas podem precisar de um projeto muito bem preparado antes de realizar a investigação. O conselho de Stake, enquanto defensor da pesquisa qualitativa, poderia levar incerteza e ambiguidade aos pesquisadores iniciantes, caso falem orientações claras⁴.

O texto de Merriam (1998) inclui um capítulo intitulado “Projetando o estudo e selecionando uma amostra”, que complementa não só a anuência de Stake ao projeto de pesquisa qualitativa, como também o de estudo de caso bem estruturado de Yin. Ela apresenta orientações e conselhos muito informativos e claros, a partir de uma revisão da literatura pertinente, para a edificação do arcabouço teórico orientador da investigação. Nem a parte de Yin nem a de Stake a respeito do projeto de estudo de caso incluem tais orientações e conselhos. Pesquisadores iniciantes precisam escrever uma revisão de literatura em seus projetos de investigação ou, em última instância, em suas dissertações. Essa revisão os ajuda a conceituar sua investigação e a montar um quadro teórico sobre o qual eles podem edificar o processo de pesquisa. Eles podem consultar o texto de Merriam para aprender as instruções necessárias à apropriada condução da revisão da literatura que informará o referencial teórico.

Merriam (1998) apresenta passo a passo, de uma forma detalhada, o processo de concepção de uma pesquisa qualitativa. Sua discussão inclui a realização da revisão da literatura, a elaboração de um referencial teórico, a identificação de um problema de pesquisa, a elaboração artesanal e o afinamento de questões de pesquisa, bem como a seleção da amostra (amostra intencional). A abordagem da Merriam ao projeto de estudo de caso não se fecha nem na de Yin nem na de Stake; ela é uma combinação das duas abordagens. O projeto recomendado por ela é flexível até certo ponto, face à influência acolhida da tradição qualitativa, mas não é tão flexível como o admite Stake. Por exemplo,

⁴ Cabe valorizar esse alerta do autor, haja vista o contexto da realização de seu estudo. Lembre-se que, conforme mencionado, ele acabara de realizar treinamento específico. (N. T.).

Merriam (1998) sugere que a “amostragem intencional ou proposital ocorre geralmente antes da coleta de dados, enquanto a amostragem teórica é realizada em conjunto com a coleta de dados” (MERRIAM, 1998, p. 66). Essa sugestão é inaceitável na perspectiva de Yin, para quem o projeto deve preceder a coleta de dados. Stake não menciona quaisquer estratégias de amostragem ou procedimentos para pesquisa de estudo de caso qualitativo; em vez disso, ele evita a determinação de um ponto exato para iniciar a coleta de dados, fato considerado por ele como uma característica da tradição qualitativa.

Coleta de dados

Os três estudiosos sustentam que cabe aos pesquisadores do estudo de caso desenhar seus dados, partindo de várias fontes para capturar o caso na sua complexidade e totalidade. Quanto aos instrumentos de coleta de dados, a tradição epistemológica assumida influencia a seleção e a concepção do processo de coleta de dados. Yin se torna o defensor da combinação de fontes de evidência quantitativa e qualitativa, porque ele as equaliza como instrumentos, enquanto Stake e Merriam sugerem o uso exclusivo de dados qualitativos.

Depois de descrever os procedimentos supostamente seguidos pelo investigador, conforme projetado, Yin inclui um capítulo para explicar as etapas preparatórias, ou a fase de planejamento da coleta de dados, antes de discutir os procedimentos reais para que esta se efetive. Isso indica mais uma vez o quanto ele enfatiza o processo prévio à coleta de dados, ou sobre o roteiro, incluindo instruções caras e detalhadas aos pesquisadores quando estes embarcarem em sua viagem de investigação. Sua ênfase no planejamento do estudo de caso se refere ao cuidado recorrentemente afirmado, por ele, em sua obra analisada, que, “na realidade, as exigências de um estudo de caso sobre seu intelecto, seu ego e suas emoções são muito maiores do que as de qualquer outro método de pesquisa. Isso ocorre porque os procedimentos de coleta de dados não são rotineiros” (YIN, 2002, p. 58)⁵. Ao delinear a preparação para a coleta de dados, o autor capitaliza sobre as

⁵ Para um melhor entendimento do leitor talvez tivesse sido interessante que o autor continuasse a citação direta do texto de Yin: “(...) assim como são rotineiros os procedimentos, por exemplo, de experimentos de laboratório ou levantamentos, atividades geralmente aborrecidas”. (N. T.).

habilidades desejadas do investigador de estudo de caso, a formação para realizá-lo, o desenvolvimento de protocolo para a investigação, a triagem dos candidatos ao método (tomada de decisão final sobre a seleção do caso) e a realização de estudo de caso-piloto. Nessa preparação, ele destaca particularmente o estudo-piloto, assumindo que isso “ajudará você a refinar seus planos de coleta de dados no que se refere tanto ao conteúdo dos dados quanto aos procedimentos a serem seguidos” (YIN, 2002, p. 79). Nesse aspecto, Yin complementa Stake e Merriam, pois estes não sublinham a crucial importância do estudo de caso-piloto. Em vez disso, eles se baseiam fundamentalmente na pilotagem de cada instrumento de coleta de dados.

Da perspectiva de Yin, a pesquisa com estudo de caso deve repousar sobre múltiplas fontes de evidência, com dados necessariamente em convergência desde uma forma triangular, e valer-se das proposições teóricas para orientar a coleta e a análise de dados. Yin sugere aos pesquisadores utilizarem seis fontes de evidência: documentação, registros em arquivo, entrevistas, observações diretas, observações participantes e artefatos físicos, cada qual com seus pontos fortes e fragilidades na comparação umas com as outras. Ele também afirma que estas fontes são as mais utilizadas, sendo a lista completa muito maior. Sua explicação sobre os instrumentos⁶ de coleta de dados inclui “os procedimentos associados ao uso de cada fonte de evidência” (YIN, 2002, p. 96), ou seja, particularidades dos instrumentos tidos pelos pesquisadores como familiares ao que estes viram na sua formação. Em seguida, ele discute os princípios gerais aplicáveis às seis fontes de evidência⁷ e ao processo de coleta de dados. Esses princípios, que, de acordo com ele, têm sido negligenciados no passado e agora discutidos longamente no seu livro, incluem (a) utilização de múltiplas fontes de evidência (provas de duas ou mais fontes, convergindo para o mesmo conjunto de fatos ou achados para fins de triangulação), (b) banco de dados do estudo de caso (uma montagem formal de evidências distinta do

6 O leitor desta tradução não deve confundir “fontes de evidência” com “instrumentos”. Em Yin, estes se referem ao uso de técnicas e atividades de coleta de dados formais e informais, que se mantêm associadas a procedimentos e fontes de evidência. (N. T.).

7 Optou-se por traduzir para “fontes de evidência” em lugar de “instrumentos” para evitar a confusão mencionada na nota de rodapé número 5. Vale ressaltar que isso mantém fidelidade às explicações de Yin. (N. T.).

relatório final de pesquisa que auxilia os pesquisadores iniciantes a entenderem como lidar ou gerenciar os dados), e (c) cadeia de evidências (ligações explícitas entre as perguntas realizadas, os dados coletados e as conclusões, a qual ajuda a “seguir os desdobramentos de quaisquer evidências, que vão desde as questões iniciais de investigação até as conclusões.”) (YIN, 2002, p. 83). Esses “princípios primordiais”, conforme mencionado por ele, são propícios à validação de dados, a qual constitui a prioridade de Yin durante as fases do processo desenvolvido para maximizar a qualidade da investigação.

A coleta de dados, conforme a visão de Stake, é extremamente díspar da assumida por Yin. Por exemplo, ao contrário deste, que defende o planejamento exato para cada etapa da investigação, Stake (1995) argumenta que “não há momento particular para o início da coleta de dados” (STAKE, 1995, p. 49), podendo esta sofrer alterações fundamentais durante a investigação. Da perspectiva de Yin, principalmente para evitar essas modificações, os pesquisadores do estudo de caso devem estruturar um projeto consciente e uma preparação anterior à coleta de dados. Além disso, a definição de Stake para legitimidade de dados de estudo de caso é bem mais ampla do que a de Yin. Enquanto o primeiro afirma que “uma proporção considerável de todos os dados é impressionista, captada informalmente pelo pesquisador quando este se familiarizou com o caso” (STAKE, 1995, p. 49), o segundo não reconhece nessa “proporção considerável” uma coleta a ser utilizada para fins de análise. Do meu ponto de vista, assumir dados como impressionistas pode trazer sérios problemas para pesquisadores iniciantes como eu. Impressão é uma noção bastante difícil de definir concretamente, de modo que coletar dados de nossas impressões sobre o caso poderia ser bem enganador para mim e para outros aprendizes de pesquisador. É quase impossível distinguir claramente entre o que é a minha impressão e o que não é um conjunto de dados.

Embora não seja tão enfática quanto é a de Yin, a descrição de Stake destaca a importância das habilidades necessárias aos pesquisadores para realizarem uma pesquisa qualitativa. Tais habilidades incluem a de “saber o que leva a uma compreensão significativa, reconhecendo boas fontes de dados, e consciente e inconscientemente testar a veracidade dos seus olhos e a robustez das suas interpretações. Isto exige sensibilidade e ceticismo” (STAKE, 1995, p. 50). Após esse argumento, esperava dele uma

descrição das estratégias capazes de ajudar os pesquisadores iniciantes a desenvolver essas habilidades, para mim, de difícil definição e explicação. Por exemplo, quando alguém recomenda ser sensível e cético quando se aproxima o caso e assim coletar os dados, não sei o grau de sensibilidade e ceticismo ou como posso adquirir tais habilidades, caso não as possua. Por isso, no meu entendimento, o relato de Yin complementa Stake, no que se refere à formação de investigadores, uma vez que o primeiro oferece estratégias mais concretas para ganhar habilidades necessárias ao investigador.

Mesmo não sendo tão estruturado e detalhado como em Yin, o protocolo de estudo de caso em Stake sugere a preparação de um plano de coleta de dados que deve incluir “definição do caso, lista de perguntas de investigação, identificação dos ajudantes, fontes de dados, alocação de tempo, despesas, relatório pretendido” (STAKE, 1995, p. 51). No entanto, a questão sobre esse plano bem intencionado é: “quando é que os investigadores têm de ter este plano preparado para ser implementado?”. Stake não determina um ponto exato para se iniciar a reunião de dados a partir do caso. Além disso, o autor não entrega um guia detalhado e suficiente para preparar e implementar esse plano de ação. Quanto aos instrumentos de coleta de dados, Stake sugere a utilização da observação, entrevista e análise de documentos na pesquisa com estudo de caso qualitativo. Ao contrário de Yin, ele nega o uso de fontes de dados quantitativos, seguindo a sua visão de estudo de caso exclusivamente qualitativo.

Na sua perspectiva, sobre a coleta de dados, Merriam (1998) continua atendendo às disparidades entre pesquisa quantitativa e qualitativa, devido principalmente ao foco primeiro de seu livro, a pesquisa qualitativa em geral. No entanto, quando comparado com a abordagem de Stake ao estudo de caso qualitativo, o relato de Merriam proporciona orientações mais extensas e abrangentes para os procedimentos de coleta de dados. Por exemplo, como os títulos das seções de seu livro sugerem (realizar entrevistas *eficazes*, ser um observador *atento*, *minerar* dados em documentos), Merriam apresenta técnicas e procedimentos dos quais os pesquisadores precisam para se tornarem usuários eficazes dos instrumentos de coleta de dados sugeridos por ela. Para ilustrar, enquanto descreve a entrevista como um instrumento de coleta de dados, ela se concentra nos seguintes aspectos, oferecendo trechos de transcrições em um estudo de caso realizado: tipos, fazer boas perguntas, evitar certas perguntas, sondas, o guia de

entrevista, iniciar a entrevista, a interação entre entrevistador e entrevistado, gravação e avaliação de dados. Nem Stake (1995) nem Yin (2002) se concentram sobre esses aspectos da entrevista no processo de coleta de dados, tanto o quanto é feito por Merriam. Portanto, investigadores iniciantes que planejam a realização de um estudo de caso qualitativo podem achar o relato de Merriam, visivelmente, mais útil e benéfico em termos das diretrizes para coleta de dados.

Após a análise das três perspectivas sobre estudo de caso, parece-me, enquanto investigador iniciante, que os relatos de Yin e Merriam sobre a coleta de dados no estudo de caso se complementam. A combinação dos três princípios de Yin com as orientações abrangentes de Merriam para os procedimentos de coleta de dados podem beneficiar-me bastante. Para elucidar mais ainda o meu raciocínio, pois parto em busca de uma conceptualização do estudo de caso qualitativo, planejo segurar-me em Merriam em termos de procedimentos de coleta de dados. No entanto, preciso acorrer ao relato de Yin, tomando-o emprestado, porque seus princípios me ajudam a manter-me constantemente concentrado na ligação entre a coleta de dados e as questões e proposições teóricas tidas no início da investigação, o que promoverá a validação de dados e a coerência global da investigação. Por fim, a análise dos três entendimentos e explicações sobre o estudo de caso poderia render a seguinte conclusão: Merriam e Stake dão muita ênfase a seus compromissos epistemológicos, enquanto pesquisadores qualitativos, portanto, eles não consideram as fontes de dados quantitativos formas legítimas de coletar dados para o estudo de caso. Assim, a definição de triangulação adotada por eles parece restringir-se ao âmbito da coleta de dados. Por outro lado, do ponto de vista das explicações de Yin, a qualidade em um inquérito se baseia no reforço da validade e confiabilidade do processo de investigação, sendo que, para fins de triangulação, que impacta a validação em particular, Yin sugere seis instrumentos.

Análise de dados

Aparentemente, as posturas epistemológicas dos três metodólogos também impactaram a abordagem de cada um com relação à análise de dados no estudo de caso. Ou seja, a razão pela qual eles divergem nas sugestões quanto à análise de dados está nas suas diferenças em conceber a realidade e o conhecimento. A definição de Yin (2002) de

análise “consiste no exame, na categorização, na tabulação, no teste ou na recombinação de evidências quantitativa e qualitativa de outra forma para abordar as proposições iniciais de um estudo” (YIN, 2002, p. 109) – algo compatível com a sua oposição à bifurcação entre pesquisa quantitativa e qualitativa. Porque os pesquisadores manipularão tanto evidências qualitativa como quantitativa, eles devem ser competentes para analisar quaisquer desses dois tipos. Além disso, da perspectiva de Yin, eles precisam de diretrizes analíticas altamente estruturadas e de princípios porque o estudo de caso como metodologia ainda está evoluindo e sofre com a escassez de estratégias e técnicas bem definidas. Para resolver esse problema, Yin propõe e descreve estratégias gerais⁸ e estratégias específicas⁹, devendo os investigadores utilizá-las conjuntamente. Então, ele sugere aos pesquisadores se aterem a quatro princípios primordiais que funcionam como “pressão” no sentido de obter uma análise de alta qualidade. Pesquisadores iniciantes podem achar que essa abordagem altamente orientada para a análise de dados seja bastante instrumental. Considerando que entram no campo da pesquisa sem qualquer especialização e experiência, eles precisam bastante de uma orientação.

Yin resolve seus critérios de uma pesquisa de qualidade, ou seja, validade e confiabilidade, ao discutir os procedimentos analíticos em estudo de caso. As técnicas e estratégias sugeridas por ele são úteis para proporcionar validade e aumentar a confiabilidade durante a análise. Compatível com a perspectiva do autor, pesquisadores controlam esses critérios mediante procedimentos de análise de dados bem definidos e bem estruturados. Yin parece assumir que através das etapas analíticas e técnicas descritas por ele os pesquisadores se habilitam a atingir a verdade objetiva sobre o caso ou o mais aproximado possível. Esse pressuposto, obviamente, reflete a tradição filosófica da qual ele advém.

⁸ Cabe acrescentar que Yin menciona quatro estratégias gerais: 1) Contando com proposições teóricas; 2) Desenvolvimento da descrição do caso; 3) Uso de dados qualitativos e quantitativos; 4) Pensando sobre explicações rivais. (N. T.).

⁹ É válido informar que Yin menciona cinco técnicas analíticas: combinação de padrão, construção da explicação, análise de séries temporais, modelos de lógica do programa e síntese cruzada dos casos. Oportuno esclarecer que os termos “estratégias específicas”, “técnicas” e “táticas” possuem o mesmo significado em todos os casos em que o autor se reporta às explicações de Yin. (N. T.).

Stake (1995) define análise como “uma questão de dar significado às primeiras impressões, bem como às compilações finais” (STAKE, 1995, p. 71). Na visão de Stake, “análise significa, essencialmente, tomar nossas impressões, as nossas observações à parte” (STAKE, 1995, p. 71). Seus argumentos sobre a análise de dados são compatíveis com os da coleta de dados. Ele capitaliza as impressões dos pesquisadores como a principal fonte de dados, dando-lhes o sentido de análise. Embora reconheça o uso de protocolos de análise, “que ajudam [os pesquisadores] a desenhar sistematicamente a partir de conhecimentos prévios e reduzir percepções equivocadas” (STAKE, 1995, p. 72), ele dá prioridade à intuição e impressão, em vez da orientação do protocolo. Seguindo uma tendência comum da tradição qualitativa, ele sugere que os investigadores conduzam os processos de coleta e análise de dados simultaneamente. Assim, não há ponto exato no processo de pesquisa para iniciar a análise porque, igualmente, não há isto com relação à coleta de dados. Além disso, Stake continua a acentuar a distinção entre as orientações quantitativas e qualitativas na análise de dados de estudos de caso. Ele afirma que a fase de análise é o ponto de maior divergência. Essa afirmação se opõe ao argumento de Yin em seu foco às semelhanças e não às divergências filosóficas entre as duas orientações, pois, neste autor, está em jogo a investigação rigorosa.

Stake descreve duas maneiras para analisar dados: Agregação Categorical e Interpretação Direta, apresentadas por ele como duas estratégias gerais para lidar com os dados de estudo de caso. Em seguida, ele apresenta técnicas específicas para encontrar os padrões, componentes essenciais nos dois modos de analisar. Apesar disso, ele não reconhece nelas o caminho certo para conduzir a análise. Acrescenta que “cada pesquisador precisa, através da experiência e reflexão, encontrar formas de análise que trabalhem para ele ou ela” (STAKE, 1995, p. 77). No entanto, possivelmente, pesquisadores iniciantes precisam receber mais orientações do que a sua contraparte, os especialistas, uma vez que aqueles não possuem ainda tanta experiência. A sugestão de que os novatos em pesquisa devem confiar em suas impressões e intuições não seria o tipo de orientação necessária. Por outro lado, ao contrário de Stake, Yin parece reconhecer o método e o projeto apresentados por ele em seu livro como o correto, ou o mais próximo do caminho certo, para conduzir os métodos de estudo de caso, fato evidenciado também no título de seu livro.

Dado o objetivo de seu livro, o qual afetou a maneira como este se organizou, Merriam discute técnicas analíticas e gestão de dados em pesquisa qualitativa antes de exemplificar as características especiais do método de estudo de caso em três investigações-exemplo. Seu modelo de análise de dados qualitativos parece muito realizar uma complementação não só das explicações de Stake, como também das de Yin. Primeiramente, ela define análise de dados como “o processo de fazer sentido fora dos dados. E fazer sentido fora dos dados envolve a consolidação, a redução e a interpretação do que fora dito pelas pessoas e visto e lido pelo pesquisador – é o processo de fazer sentido” (MERRIAM, 1998, p. 178). Comparado com a definição de Stake, que salienta a impressão e a intuição dos pesquisadores na análise, a definição de análise de dados qualitativos de acordo com Merriam emerge como uma aplicação mais completa da epistemologia construtivista em pesquisa, fornecendo orientações mais concretas para os investigadores. A consolidação, a redução e a interpretação ajudam a aplicação clara e concreta do construtivismo no processo analítico mais do que a impressão e a intuição.

Em segundo lugar, Merriam expõe sobre a simultaneidade da coleta de dados e sua análise, algo brevemente mencionado por Stake. Ela dedica uma seção do capítulo para explicar por que e como os dados podem/devem ser coletados e analisados simultaneamente. Ela também destaca ser esse o atributo por excelência do projeto de pesquisa qualitativa, responsável por distingui-la da investigação orientada pela epistemologia positivista. Além disso, ela faz uma ressalva: defender uma coleta de dados recursiva e dinâmica e análise “não quer dizer que a análise está concluída quando os dados forem coletados. Muito pelo contrário. A análise se torna mais intensa à medida que o estudo progride, e uma vez que todos os dados estão postos” (MERRIAM, 1998, p. 155). Esse processo simultâneo e interativo decorre do fato de os metodólogos qualitativos defenderem o projeto como uma emergência. A análise preliminar dos dados pode levar a alterações nas fases subsequentes da pesquisa.

Em terceiro lugar, Merriam dedica uma seção para as estratégias de gestão de dados, promovendo uma complementação das explicações de Yin e de Stake. Especialmente aos pesquisadores iniciantes que tenham a intenção de utilizar-se de programas de *software* para manipular dados, essa seção do capítulo pode ser bastante útil. Essa parte ilumina para eles a utilização de programas de computador nas tarefas de gerenciamento de

dados. Como último ponto, o relato de Merriam sobre os níveis de análise complementa a discussão de Stake a respeito da Agregação Categorical e da busca de padrões em dados qualitativos. Ela oferece descrição e orientação mais completas para a análise de dados qualitativos. É uma combinação de “persuasão e receitas”, nas palavras de Stake, iniciada quando ela apresenta instruções passo-a-passo para a operacionalização de cada uma das técnicas analíticas qualitativas e cada um dos procedimentos necessários aos investigadores pretendentes a desenvolver teorias a partir dos dados analisados.

Validação de dados

Os três metodólogos possuem visões diferentes sobre a validação de dados, as quais se associam às noções de validade e confiabilidade em investigação. Comprovadamente, as perspectivas de Merriam e Stake divergem das de Yin, manifestando as diferenças de pontos de vista filosóficos. Através do controle de validade e confiabilidade, a pesquisa mergulhada na tradição positivista visa captar ou descobrir um conhecimento exato ou aproximado sobre o caso minuciosamente estudado. No entanto, o construtivismo defende a ideia da existência de várias versões do conhecimento, sendo este o produto de uma construção entre “quem conhece” e “o conhecido”. Merriam e Stake estão cientes de ser quase impossível aplicar os conceitos de validade e confiabilidade numa pesquisa qualitativa, posto terem sido gerados na tradição positivista. A implementação dessas noções positivistas numa pesquisa qualitativa, orientada pela epistemologia construtivista, é impossível. Portanto, os conceitos de validade e confiabilidade diferem consideravelmente se, de um lado, estiverem Merriam e Stake e, de outro, Yin.

Yin explica a validade (o constructo, o interno e o externo) e a confiabilidade no sentido tradicional, no início de seu texto, antes de descrever os procedimentos do projeto de estudo de caso, tomando-os como critérios para avaliar a qualidade da pesquisa. Ele lembra repetidamente aos leitores a importância primordial desses critérios, “comuns a todos os métodos das ciências sociais” (YIN, 2002, p. 34), fazendo-o no decorrer de seu texto. Ele sugere que os pesquisadores do estudo de caso devem certificar-se de que levaram esses critérios em consideração durante a elaboração e a realização da pesquisa. Isto porque, numa pesquisa, qualidade e rigor implicam a adoção desses critérios. Como afirma o autor, “uma inovação importante deste livro é a

identificação de várias táticas para lidar com esses quatro testes ao fazer estudos de caso” (YIN, 2002, p. 34). De acordo com Yin, os mencionados pesquisadores precisam garantir a validade do constructo (usar a triangulação de múltiplas fontes de evidência, a cadeia de evidências e a revisão pelos participantes da pesquisa), a validade interna (valer-se de técnicas analíticas, como a combinação de padrões), a validade externa (por meio do uso da generalização analítica) e a confiabilidade (valendo-se de protocolos de estudo de caso e de bancos de dados). Tendo vindo de uma tradição epistemológica que enfatiza consideravelmente esses testes, Yin apresenta táticas para cada um deles não apenas na fase de concepção do projeto de pesquisa, como também na coleta de dados, análise e fases de composição. Ele não tem um capítulo sobre essas construções, contrariamente a Merriam e Stake, porém, sua ênfase permeou o livro por inteiro.

Stake discute as questões referentes à validação de dados coletados em um capítulo chamado “Triangulação”. Ele oferece quatro estratégias para a triangulação de dados: triangulação das fontes de evidência, triangulação dos investigadores, triangulação das teorias e triangulação metodológica. Ele também sugere sejam feitas as seguintes questões: “O percurso que gostaríamos de fazer com o nosso trabalho de estudo de caso, ‘nós o fizemos corretamente?’, não apenas ‘gerando uma descrição abrangente e precisa do caso?’, mas ‘desenvolvendo as interpretações que queremos?’” (STAKE, 1995, p. 107). Pela primeira vez neste capítulo, ele menciona a sua preocupação com a exatidão, explicações alternativas e disciplina: “Em nossa busca por precisão e explicações alternativas, nós precisamos de disciplina, precisamos de protocolos independentes da mera intuição e da boa intenção de ‘acertar’” (STAKE, 1995, p. 107). Ele parece abandonar seu ponto de vista intuitivo e impressionista ao discutir a questão da validação, mas essa abordagem não parece generalizada em seu relato sobre as fases do projeto de estudo de caso, tal como a coleta e a análise de dados.

Além disso, a epistemologia construtivista de Stake se evidencia em sua visão de validação de dados, oposta à visão de Yin (2002). Ele salienta que, em sua maior parte, “pesquisadores qualitativos não só pensam que existem múltiplas perspectivas ou pontos de entendimento do caso que precisam ser representadas, contudo, eles sabem que não há nenhuma maneira de estabelecer de modo incontestável qual a melhor perspectiva” (YIN, 2002, p. 108). Ele também acrescenta que, devido às obrigações éticas, os

pesquisadores qualitativos precisam “minimizar a distorção e o mal-entendido” (YIN, 2002, p. 109). Como proposta para essa minimização, Stake sugere o uso de alguns protocolos e procedimentos constituintes dos “esforços que vão além da simples repetição da coleta de dados para o esforço deliberativo com o fim de encontrar a validade dos dados observados” (STAKE, 1995, p. 109). Por intermédio desses protocolos, juntamente com a verificação por realizar, pelos participantes, os pesquisadores pretendem “ganhar a confirmação necessária, para aumentar a credibilidade na interpretação, para demonstrar a semelhança de uma afirmação” (STAKE, 1995, p. 112). Esses protocolos e procedimentos são supostamente tomados na busca de uma interpretação mais crível ou conhecimento sobre o caso, ao que Yin se oporia fortemente.

Também a visão de Merriam sobre a validação de dados manifesta seus compromissos epistemológicos. Na obra que ora se encontra em análise, ela explica que “um dos pressupostos subjacentes à pesquisa qualitativa é que a realidade é holística, multidimensional, e em constante mudança; não é um fenômeno único, fixo, objetivo, esperando para ser descoberto, observado e medido, como na pesquisa quantitativa” (MERRIAM, 1998, p. 202). À luz deste pressuposto, ela explica como a pesquisa qualitativa aborda as noções de validade e confiabilidade e justapõe essa abordagem com os pressupostos relevantes subjacentes à quantitativa. A concepção de Merriam sobre a validação de dados está alinhada com a de Stake. Ela alega que “o estudo qualitativo abastece o leitor com uma descrição suficientemente detalhada capaz de mostrar que a conclusão do autor ‘faz sentido’” (MERRIAM, 1998, p. 199) para, assim, aumentar a credibilidade de sua interpretação.

Validade e confiabilidade são conceitos postuladas inicialmente nas ciências naturais, emprestados pela pesquisa quantitativa às ciências sociais. Portanto, conciliar esses termos com a epistemologia construtivista, suporte da pesquisa qualitativa, torna-se uma tarefa espinhosa para metodólogos qualitativos. Isso é amplamente discutido no texto de Merriam. A autora argumenta que a aplicação de critérios de validação de dados numa investigação realizada por pesquisadores vindos de uma epistemologia contraposta é “algo como um desajuste” (MERRIAM, 1998, p. 206). Portanto, ela resume como os metodólogos qualitativos concebem essas noções e quais alternativas apresentam. Em seguida, fornece técnicas ou estratégias passíveis de utilização pelos pesquisadores

qualitativos em seu objetivo de aumentar a validade e a confiabilidade, coerentemente à sua formação, conforme a tradição qualitativa. Em geral, na comparação com Stake, Merriam apresenta uma abordagem muito mais abrangente para a compreensão qualitativa de validação de dados. Por outro lado, a discussão de Stake acerca da triangulação é a única parte capaz de complementar o relato de Merriam sobre a validação de dados. Os pesquisadores iniciantes em fase de planejamento de um estudo de caso exclusivamente qualitativo podem valer-se mais das descrições e orientações oferecidas no texto de Merriam, juntamente com a interpretação de Stake sobre a triangulação.

Conclusão

A partir da justaposição de três abordagens de estudo de caso, apresento uma tabela (ver Tabela 1) que pode servir para proporcionar uma avaliação global das abordagens.

Tabela 1 - Justaposição de três abordagens de estudo de caso

Dimensão de interesse	Case Study Research: Design and Methods (Robert Yin)	The Art of Case Study Research (Robert Stake)	Qualitative Research and Case Study Applications in Education (Sharan Merriam)
Compromissos epistemológicos	Positivismo	Construtivismo e existencialismo (não determinismo)	Construtivismo
Definição de caso e estudo de caso	Caso é “um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claros e o pesquisador tem pouco controle sobre o fenômeno e o contexto” (p. 13).	Caso é “uma coisa específica, complexa, funcionando”, mais especificamente, “um sistema integrado” que “tem um limite e peças em trabalho”, além de uma teleologia (em ciências sociais e serviços humanos) (p. 2).	Caso é “uma coisa, uma entidade única, uma unidade em torno do qual existem limites” (p. 27), podendo ser uma pessoa, um programa, um grupo, uma política específica e assim por diante.

	<p>Estudo de caso é uma investigação empírica de um caso ou casos, em conformidade com a definição acima mencionada, abordando o “como” ou “por que” em questões relativas ao fenômeno de interesse.</p>	<p>Estudo de caso qualitativo é um “estudo da particularidade e complexidade de um único caso, chegando a compreender a sua atividade dentro de circunstâncias importantes” (p. 11).</p> <p>Características: <i>Holístico</i> (considera a inter-relação entre o fenômeno e seus contextos); <i>Empírico</i> (baseia o estudo nas observações de campo); <i>Interpretativo</i> (sustenta-se sobre a intuição, sendo a pesquisa percebida, basicamente, como uma interação pesquisador- sujeito); <i>Enfático</i> (reflete experiências indiretas dos sujeitos numa perspectiva êmica).</p>	<p>Estudo de caso qualitativo é “uma descrição intensa, holística, bem como uma análise de um fenômeno limitado, como um programa, uma instituição, uma pessoa, um processo ou uma unidade social” (p. 13).</p> <p>Características: <i>Particular</i> (focaliza determinada situação, evento, programa ou fenômeno); <i>Descritivo</i> (produz rica e densa descrição do fenômeno em estudo); <i>Heurístico</i> (ilumina a compreensão do leitor do fenômeno estudado).</p>
<p>Projeto do estudo de caso</p>	<p>O projeto se refere “à sequência lógica que liga os dados empíricos às questões iniciais de investigação de um estudo e, finalmente, às suas conclusões” (p. 20). Quatro tipos de projeto de estudo de caso incluem o único holístico; o único integrado; o múltiplos holístico e o múltiplos integrado.</p> <p>O projeto de estudo de caso tem cinco componentes: questões de um estudo; suas proposições, se houver; sua(s) unidade(s) de análise; a lógica que liga os dados às proposições e os critérios de interpretação dos resultados.</p>	<p>Projeto flexível que possibilita aos investigadores fazer grandes alterações, mesmo após a sua concepção. Os pesquisadores precisam de um conjunto de duas ou três perguntas afiadas (questões de investigação), o que ajudará a “estruturar a observação, as entrevistas e a análise de documentos” (p. 20). Ele se baseia na noção de “foco progressivo”, em Parlett e Hamilton (1972), que se baseiam no pressuposto de que “o curso do estudo não pode ser traçado com antecedência” (<i>apud</i> STAKE, 1998, p. 22).</p>	<p>A revisão da literatura é uma fase essencial que contribui para desenvolver a teoria e o projeto de pesquisa. O arcabouço teórico emergente da revisão da literatura ajuda a modelar as questões de investigação e os pontos de ênfase.</p> <p>Cinco etapas do projeto de pesquisa: realização de revisão da literatura, construção de um quadro teórico, identificação de um problema de pesquisa, elaboração/afiamento das questões de pesquisa e seleção da amostra (amostra intencional).</p>

Coleta de dados	Fontes de evidência quantitativas e qualitativas devem ser combinadas.	O uso exclusivo de fontes de dados qualitativos.	O uso exclusivo de fontes de dados qualitativos.
	A coleta de dados é influenciada pelas habilidades do investigador do estudo de caso, treinamento para um estudo de caso específico, desenvolvimento de um protocolo para a investigação, triagem dos candidatos ao estudo de caso (tomada de decisão final sobre a seleção do caso) e a realização de um estudo-piloto.	Sendo um estudo de caso qualitativo, do pesquisador requer-se “saber o que leva a uma compreensão significativa, reconhecendo boas fontes de dados, e consciente e inconscientemente testar a veracidade dos seus olhos e a robustez das suas interpretações. Isso exige sensibilidade e ceticismo” (STAKE, 1995, p. 50).	O pesquisador do estudo de caso precisa adquirir as habilidades necessárias e seguir certos procedimentos para a realização de entrevistas eficazes, cuidadosas observações e de minas de dados de documentos.
	Pesquisadores do estudo de caso fazem uso de seis ferramentas de coleta de dados: documentação, registros em arquivo, entrevistas, observações diretas, observação participante e artefatos físicos.	Pesquisadores do estudo de caso qualitativo exploram a observação, a entrevista e a análise de documentos como ferramentas de coleta de dados.	Pesquisadores do estudo de caso qualitativo utilizam três técnicas de coleta de dados, sendo entrevistas, observação e análise de documentos.
Análise de dados	A análise de dados “consiste no exame, na categorização, na tabulação, no teste ou de outra forma na recombinação de evidências quantitativa e qualitativa para abordar as proposições iniciais de um estudo” (p. 109).	A análise de dados é “uma questão de dar significado às primeiras impressões, bem como às compilações finais” (p. 71).	A análise de dados é “o processo de fazer sentido fora dos dados. E fazer sentido fora dos dados envolve a consolidação, a redução e a interpretação do dito pelas pessoas e o visto e lido pelo pesquisador – é o processo de fazer sentido” (p. 178).
		Simultaneidade de coleta de dados e análise.	Simultaneidade de coleta de dados e análise.

	Cinco técnicas dominantes para análise de dados: combinação de padrão, montagem da explanação, análise de séries temporais, modelos de lógica do programa e síntese cruzada dos casos.	Dois maneiras estratégicas para analisar dados: Agregação Categorical Interpretação Direta. “Cada pesquisador precisa, através da experiência e reflexão, encontrar as formas de análise que trabalham para ele ou ela” (p. 77).	Seis estratégias analíticas: análise etnográfica, análise narrativa, análise fenomenológica, método comparativo constante, análise de conteúdo e de indução analítica.
Validação de dados	Os pesquisadores do estudo de caso precisam garantir a validade do constructo (usar a triangulação de múltiplas fontes de evidência, a cadeia de evidências e a revisão por participantes da pesquisa), a validade interna (valer-se de técnicas analíticas, como a combinação de padrões), a validade externa (por meio do uso da generalização analítica) e a confiabilidade (valendo-se de protocolos de estudo de caso e de bancos de dado).	Questões de validação de dados estão envolvidas na noção de triangulação.	Metodologia qualitativa aborda de forma diferente a validade e a confiabilidade do conhecimento produzido na investigação.
		Quatro estratégias de triangulação: triangulação das fontes de evidência, triangulação dos investigadores, triangulação das teorias e triangulação metodológica.	Seis estratégias para melhorar a validade interna: triangulação, revisão por participantes da pesquisa, observação de longo prazo, exame dos pares, pesquisa participante e divulgação de vieses do investigador. Três técnicas para garantir a confiabilidade: explicação do posicionamento do investigador com relação ao estudo, triangulação e uso de uma trilha de auditoria. Três técnicas para aumentar a validade externa: uso de descrição densa, tipicidade ou categorias modais e projetos <i>multi-site</i> .

Fonte: O autor (2015).

Pesquisadores iniciantes procurarão uma metodologia para conduzir seu estudo após ou durante o processo de construção de entendimentos a respeito do fenômeno de interesse e questão(s) de pesquisa. Caso optem pelo método do estudo de caso, em geral, eles se deparam com uma multiplicidade de abordagens e um terreno controverso, marcado pela variedade de perspectivas. Com a intenção inicial de ajudá-los a delinear

seu percurso em tal terreno, este trabalho poderá instrumentalizá-los, pelo menos de três formas diferentes, a partir de textos genéricos sobre o estudo de caso. Primeiramente, esses pesquisadores entenderão a relação entre as suas orientações epistemológicas e as abordagens do método para as quais eles se inclinam. Em outras palavras, eles perceberão que as suas decisões relacionadas com a investigação irão manifestar as suas identidades como pesquisadores educacionais. Em segundo lugar, neste trabalho, eles perceberão a perspectiva de outro pesquisador iniciante em estudo de caso, construída por meio de processos (de concepção e de realização do mencionado método) semelhantes ao experimentado por eles ou a experimentar. Em terceiro lugar, ficando expostas várias abordagens sobre o método, neste trabalho, eles terão a oportunidade de combinar elementos ecléticos (por exemplo, diferentes técnicas e estratégias de investigação) de cada abordagem que melhor os servirão e apoiarão o seu projeto. Por isso, penso que a presente análise comparativa de três interpretações diferentes de estudo de caso pode ser útil para os pesquisadores iniciantes, como referência rápida, enquanto eles conceituam e desenham os seus projetos de investigação científica.

Referências

BAXTER, P.; JACK, S. Qualitative case study methodology: study design and implementation for novice researchers. *The Qualitative Report*, [S. l.], v. 13, n. 4, p. 544-559, 2008. Disponível em: <<http://www.nova.edu/ssss/QR/QR13-4/baxter.pdf>>. Acesso em: 31 dez. 2015.

CRESWELL, J. W. et al. Qualitative research designs selection and implementation. *The Counseling Psychologist*, [S. l.], v. 35, n. 2, p. 236-264, 2007.

CROTTY, M. *The foundations of social research*. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1998.

MERRIAM, S. B. *Qualitative research and case study applications in education*. San Francisco: Jossey-Bass, 1998.

MILES, M. B.; HUBERMAN, A. M. *Qualitative data analysis: an expanded sourcebook*. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1994.

PARLETT, M.; HAMILTON, D. Evaluation as illumination: a new approach to the study of innovative programs. In: GLASS, G. (Ed.). *Evaluation studies review annual*. Beverly Hills: SAGE Publications, 1976. p. 140-157.

SMITH, L. An evolving logic of participant observation, educational ethnography, and other case studies. In: SHULMAN, L. (Ed.). *Review of researching education*. Itasca: F. E. Peacock, 1978. p. 316-377.

STAKE, R. E. *The art of case study research*. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1995.

TELLIS, W. Introduction to case study. *The Qualitative Report*, [S. l.], v. 3, n. 2, 1997a. Disponível em: <<http://www.nova.edu/ssss/QR/QR3-2/tellis1.html>>. Acesso em: 31 dez. 2015.

_____. Application of a case study methodology. *The Qualitative Report*, [S. l.], v. 3, n. 3, 1997b. Disponível em: <<http://www.nova.edu/ssss/QR/QR3-3/tellis2.html>>. Acesso em: 31 dez. 2015.

YIN, R. K. *Case study research: design and methods*. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2002.

Recebido em: 12/01/2016

Aceito para publicação em: 10/03/2016

Nota do autor

Bedrettin Yazan é um professor assistente no Departamento de Currículo e Instrução da Universidade de Alabama, Tuscaloosa. Seus interesses de pesquisa incluem identidade do professor de línguas, metodologia de estudo de caso, inglês como língua internacional, colaboração entre ESL e professores do ensino regular e teorias socioculturais na aquisição de segunda língua. Correspondências com relação a este artigo podem ser endereçadas diretamente a: Bedrettin Yazan, em 223B Graves Hall, University of Alabama, Tuscaloosa, Alabama 35487 ou via *e-mail* para byazan@bamaed.ua.edu.

Direitos de autor 2015: Bedrettin Yazan e Nova Southeastern University.

Reconhecimento

Sou grato à minha querida professora, Dr. Betty Malen, pelos seus comentários sobre um esboço anterior a este artigo e pelo inestimável apoio durante o processo. Também sou grato ao TQR Editor-in-Chief, Dr. Ronald Chenail, pela revisão e *feedback* construtivo, o que levou este texto a se tornar muito melhor.

Three Approaches to Case Study Methods in Education: Yin, Merriam, and Stake

Abstract

Case study methodology has long been a contested terrain in social sciences research which is characterized by varying, sometimes opposing, approaches espoused by many research methodologists. Despite being one of the most frequently used qualitative research methodologies in educational research, the methodologists do not have a full consensus on the design and implementation of case study, which hampers its full evolution. Focusing on the landmark works of three prominent methodologists, namely Robert Yin, Sharan Merriam, Robert Stake, I attempt to scrutinize the areas where their perspectives diverge, converge and complement one another in varying dimensions of case study research. I aim to help the emerging researchers in the field of education familiarize themselves with the diverse views regarding case study that lead to a vast array of techniques and strategies, out of which they can come up with a combined perspective which best serves their research purpose.

Keywords: Qualitative research. Case study methods. Epistemological foundations.

Tres aproximaciones al método de estudio de caso en la educación: Yin, Merriam y Stake

Resumen

El estudio de caso ha sido un terreno en disputa en la investigación en ciencias sociales, ya que utiliza diferentes enfoques, a veces opuestos. Es uno de los métodos más utilizados de la investigación cualitativa cuando se lleva a cabo en la educación. Sin embargo, no hay consenso entre los metodólogos sobre el diseño y la aplicación de este método, lo que dificulta su desarrollo integral. El autor centra su atención en las obras de tres de ellos, Robert Yin, Sharan Merriam y Robert Stake, tratando de capturar perspectivas divergentes, convergentes y complementarias. Con la presentación de técnicas y estrategias, el autor busca contribuir a los estudios de los investigadores noveles en el campo de la educación, que pueden combinar perspectivas y lograr los propósitos de sus investigaciones.

Palabras clave: Investigación cualitativa. Métodos de estudio de caso. Fundamentos epistemológicos.